

Evidências lingüísticas da antigüidade do piolho e de outros parasitas do homem na Amazônia

Aryon Dall'Igna Rodrigues¹

Resumo - Neste artigo, depois de mencionar algumas noções sobre parentesco lingüístico e reconstrução de proto-línguas, o autor mostra evidências lingüísticas da presença do piolho da cabeça, do bicho-de-pé e do berne entre os falantes de Proto-Tupí na Amazônia ocidental há cerca de 5.000 anos e também dos dois primeiros entre os falantes de Proto-Karíb, assim como da ocorrência da muquirana ou piolho do corpo e também do pente entre os falantes de Proto-Tupí-Guaraní, há cerca de 2.000 anos.

Palavras-chave: Amazônia. Antigüidade de parasitas do homem. Tronco lingüístico Tupí. Família Tupí-Guaraní. Família Karíb. Lingüística diacrônica. Reconstrução lingüística.

Em agosto de 2002, a revista *Ciência Hoje* publicou um artigo de paleoparasitologia sobre a ocorrência do piolho de cabeça (*Pediculus humanus*) na América do Sul. Nesse artigo os autores, Fernanda Moreira Rick, Luiz Fernando Ferreira da Silva, Adauto J. G. de Araújo (da Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz) e Karl Reinhard (da School of Natural Resources Sciences/University of Nebraska), revelaram a identificação de lêndeas em fio de cabelo humano, encontrado em sítio arqueológico no Parque Nacional Serra da Capivara, cuja idade, datada pelo método do radiocarbono, é de cerca de 10.000 anos. Trata-se do achado mundialmente mais antigo desse parasita associado a seres humanos, pois, conforme o levantamento feito pelos autores, o

segundo achado mais antigo, em restos orgânicos humanos, data de cerca de 5.000 anos, no norte da África (Rick *et al.*, 2002; veja-se também Guidon, 2004, p. 137).

O importante achado no Parque Nacional Serra da Capivara, no sueste do Piauí, deve-se aos arqueólogos que há anos lá pesquisam as evidências da presença de grupos humanos pré-históricos e que, sob a liderança de Niéde Guidon, lutam pela preservação de uma das mais ricas áreas de interesse arqueológico e paleontológico no Brasil. A arqueologia, ciência antropológica que estuda as culturas dos homens pré-históricos com base nos achados de restos culturais na superfície da terra ou em camadas abaixo da superfície atual, obtém datações absolutas desses restos culturais quando eles estão associados a, ou consistem de, materiais datáveis por vários métodos da física, o mais conhecido dos quais é o radiocarbônico, baseado na redução lenta, mas regular, da taxa de carbono 14 nos animais e nos vegetais a partir de suas mortes.

Uma outra especialidade científica que contribui para recuperar o conhecimento de elementos culturais do passado pré-histórico é a lingüística diacrônica (também chamada lingüística histórica). Além de comparar sistematicamente línguas para as quais são descobertas evidências de uma origem comum numa fase historicamente anterior (como no caso das línguas românicas) ou pré-histórica (como no caso das línguas eslavas ou no das germânicas), a lingüística diacrônica desenvolveu metodologia para a reconstrução de propriedades lexicais, fonológicas e gramaticais daquela fase anterior. Tal fase anterior é uma protolíngua (Proto-Romance, Proto-Eslavo, Proto-Germânico etc.) e o conjunto de línguas dela descendentes é uma família lingüística (família

Românica, família Eslava, família Germânica etc.). As línguas de uma mesma família são parentes (“irmãs”) e esse parentesco é dito genético, pois decorre de uma origem comum, que é a protolíngua (“língua mãe”).

Todas as línguas estão constantemente em lenta – muito lenta – mudança em seus sons (sua pronúncia), sua gramática e seu vocabulário. A modificação dos sons se dá com extraordinária regularidade e essa regularidade é um dos principais fatores que possibilitam a reconstrução das protolínguas. Uma família lingüística surge quando a comunidade dos falantes de uma língua se divide em dois ou mais grupos, que se afastam social e geograficamente, de modo que deixam de compartilhar sempre as mesmas mudanças de pronúncia, de vocabulário e de gramática e pouco a pouco suas falas vão diferenciando-se. Essa diferenciação é pouco perceptível no espaço da vida de uma pessoa, mas se acumula ao longo de várias gerações, tornando-se reconhecível primeiro como caracterizando dialetos bem marcados, mas mutuamente compreensíveis, depois já de difícil compreensão mútua e, por fim, línguas nitidamente diferentes.

Normalmente muitos séculos se passam até resultar numa família com línguas bem distintas. Por exemplo, a profundidade temporal da família Românica, isto é, o tempo decorrido desde quando o Proto-Romance (que era uma variedade do Latim) começou a diferenciar-se é de cerca de vinte séculos. Ao longo desse tempo foi possível acumular-se a diferença que hoje distingue o Francês do Português, tornando-os mutuamente incompreensíveis, mas permitindo reconhecer as diferenças regulares nas palavras retidas em comum, como *mois* e *mês*, *trois* e *três*, *vois* e *vês*, *crois*

e *crê*s etc. (o Francês *oi* [pronunciado *wa*] corresponde ao Português *e*), ou *champ* e *campo*, *charge* e *carga*, *châtier* e *castigar*, *châtaigne* e *castanha*, *château* e *castelo*, etc. (o Francês *ch* [pronunciado como o *ch* do Português] corresponde ao Português *c* [pronunciado *k*]).

É possível descobrir correspondências regulares entre duas ou mais famílias lingüísticas (ou entre as respectivas protolínguas) e concluir que essas famílias têm uma origem comum mais recuada no tempo, como descendentes de uma protolíngua muito mais antiga. Um dos nomes propostos para esses grupos genéticos de famílias é tronco lingüístico, em Inglês *linguistic stock* (há lingüistas que usam o termo *filo* ou *phylum* e outros que os chamam de famílias e tratam as famílias constituintes como subfamílias ou ramos). O tronco lingüístico mais conhecido é o Indo-europeu, que compreende as famílias Itálica (que inclui o Latim e algumas línguas pouco documentadas da antiga Itália, como o Osco, o Umbro, o Falisco etc.), a Céltica, a Germânica, a Eslava, a Báltica e a Helênicas, na Europa, e outras na Ásia.

Para as línguas indígenas sul-americanas, já foram identificadas muitas famílias lingüísticas genéticas. Uma destas é a família Tupí-Guaraní, que compreende um pouco mais de cinqüenta línguas, a maioria delas no Brasil. O estudo comparativo das línguas dessa família tem levado à reconstrução de características do Proto-Tupí-Guaraní, língua pré-histórica cuja profundidade temporal pode ser de uns dois milênios. Mas foram identificadas mais nove outras famílias, cujo estudo revela serem geneticamente parentadas com a Tupí-Guaraní e constituírem com esta, portanto, um tronco genético, que foi batizado de tronco Tupí. Aquelas nove famílias são

Awetí, Mawé, Jurúna, Mundurukú, Arikém, Tuparí, Mondé, Ramaráma e Puruborá (Rodrigues 2002, p. 29-46). A família Tupí-Guaraní tem uma considerável distribuição geográfica, tanto na bacia amazônica como na bacia platina e, à época da chegada dos europeus, estava representada também ao longo da costa atlântica. As demais famílias do tronco Tupí são menores e mais localizadas: Awetí no alto Xingu, Mawé entre o baixo Tapajós e o baixo Madeira, Jurúna no médio e alto Xingu, Mundurukú no Tapajós e no médio Xingu e as demais nos tributários do alto Madeira, no estado de Rondônia e na área adjacente de Mato-Grosso. Justamente a região leste de Rondônia e noroeste de Mato-Grosso é o mais provável centro da dispersão inicial do tronco Tupí. Estima-se, para o Proto-Tupí, a língua ancestral desse tronco, uma profundidade temporal de cerca de 5.000 anos (Rodrigues 1958, p. 684)².

Entre as palavras que têm sido reconstruídas para o Proto-Tupí encontram-se os nomes para o *Pediculus humanus capititis*, o piolho da cabeça, e de alguns outros parasitas do ser humano, como o bicho de pé (*Tunga penetrans*) e o berne, larva da mosca varejeira (*Dermatobia hominis*). Para o primeiro foi reconstruída a palavra **nkyp*³ com base nas palavras que têm o mesmo significado em todas as dez famílias do tronco: Tupí-Guaraní *kyb*, Awetí *kyp*, Mawé *ngyp*, Jurúna *kyp-á*, Mundurukú *kip*, Arikém *ngep*, Tuparí *kyp*, Mondé *ngit*, Ramaráma *nāp*, Puruborá *typ*. Para o bicho de pé, o nome reconstruído é **tung*, que se baseia nos nomes documentados em seis famílias: Tupí-Guaraní *tung*, Awetí *tung*, Mawé *jung*, Mundurukú *nōng*, Arikém *ñung-o*, Tuparí *jō-tap*. (Note-se que o nome genérico do bicho de pé na terminologia científica, *Tunga*, pertence a esse conjunto. É que Lineu, o naturalista sueco que no século XVIII criou a terminologia científica para os seres vivos,

tomou esse nome, como fez com muitos outros, do livro *Historia naturalis Brasiliae*, de Jorge Marcgrave – o naturalista alemão do príncipe Maurício de Nassau no Nordeste brasileiro –, publicado na Holanda em 1648 e no qual animais e plantas foram apresentados com seus nomes em uma língua da família Tupi-Guaraní, a língua Tupinambá). Para o berne foi reconstruído o nome **k'ut* a partir dos nomes registrados em cinco famílias: Tupi-Guaraní *'ur*, Mawé *'ut*, Arikém *'yt*, Tuparí *kot*, Ramaráma *'ot*.

Com base nessas evidências lingüísticas, podemos concluir que há cerca de 5.000 anos o piolho, o bicho de pé e o berne estavam presentes na Amazônia ocidental e já afetavam os seres humanos, os quais lhes davam nomes específicos, que foram em geral transmitidos fielmente de geração a geração, até nossos dias.

Se os piolhos, os bichos de pé e outros parasitas afligiam os antepassados pré-históricos dos índios Tupí na Amazônia, o mesmo estaria acontecendo, naturalmente, com outros povos amazônicos. Isso é confirmado, por exemplo, pelas línguas da família Karíb. Esta família lingüística se encontra hoje predominantemente ao norte do rio Amazonas, mas tem um segmento ao sul desse rio, na bacia do rio Xingu e em suas imediações – as línguas Arára, Ikpéng (Txikão), Kuikúru (Kalapálo, Nahukwá) e Bakairí. A maioria dos Karíb norte-amazônicos (p. ex. Hixkaryána, Panare, Makuxí, Tiriyó, cf. Meira e Franchetto 2005) têm nomes para o piolho e para o bicho de pé semelhantes aos dos Karíb sul-amazônicos, o que implica na presença desses nomes já na língua comum pré-histórica de que elas todas provêm, a língua Proto-Karíb. Uma possível reconstrução para o nome do piolho naquela proto-língua é **ajamy* (Hixkaryána *ajamo*, Panare *ajamâ*, Makuxi *ajan*, Tiriyó *jamy*, Ikpéng *ajam*,

Kuikúru *ãy*, Bakairí *emy*) e para o nome do bicho de pé é **txiko* (Hixkaryána *sike*, Panare *txikâ*, Makuxí *siky*, Tiriyó *sikâ*, Ikpéng *txigong*, Kuikúru *sike*, Bakairí *xigâ*). A antigüidade do Proto-Karíb pode ser da mesma ordem da do Proto-Tupí. Se há parentesco genético entre as línguas Karíb e as línguas Tupí, como já foi sugerido (Rodrigues 1985, 2003), o ancestral comum a elas será mais antigo, porém não há ainda nenhuma estimativa de sua profundidade temporal. Em todo caso, como as palavras para piolho e bicho-de-pé nas duas proto-línguas são nitidamente diferentes, não temos como saber se qualquer delas tem essa mesma profundidade temporal.

Das dez famílias do tronco lingüístico Tupí, a mais conhecida é a Tupí-Guaraní, cujas línguas se estenderam para a Amazônia oriental, passando além do Rio Tocantins, e para o sul, ao longo da bacia dos rios Paraguai e Paraná, e cuja profundidade temporal pode estimar-se em cerca de 2.000 anos. Além do piolho da cabeça, nela encontra-se evidência também para a presença, já entre os falantes do Proto-Tupí-Guaraní, do piolho do corpo, a muquirana (*Pediculus humanus corporis*), com um nome atestado em três ramos dessa família: na língua Guaraní antiga (século XVII) *jamokyrã* e no Guaraní paraguaio atual *ñamokyrá*, ambos do ramo I; Tupinambá (séculos XVI e XVII) *mokyrána* (daí provém o Português *muquirana*), do ramo III; e o Tembé (língua atual) *mukyrán*, do ramo IV.

Nesta família, com respeito ao piolho da cabeça, além do nome *kyb* há uma palavra dele derivada, que é igualmente reconstruível para o Proto-Tupí-Guaraní e que é o nome do pente: **ky'wab* – Guaraní (ramo I) *kygwá*, Guarayo (ramo II) *kýgwa*,

Tupinambá (ramo III) *ky'wáb*, Tembé (ramo IV) *kywáw*, Parintintín (ramo VI) *ky'gwáv*, Wayampí (ramo VIII) *kýwa*. Esta palavra é constituída por *kyb* ‘piolho’ + *'u* ‘comer’ + *-ab* ‘instrumento’ e significa, portanto, ‘instrumento para comer piolhos’, um significado compatível com a prática de tirar os piolhos com o auxílio do pente e matá-los entre os dentes. É um nome que mostra qual a função básica do pente, ainda que este tenha adquirido também, entre alguns povos, uma função nitidamente ornamental, como os belos pentes das mulheres Ka’apór, no Maranhão.

Notas

¹Doutor pela Universidade de Hamburgo (1959), professor emérito de lingüística e coordenador do Laboratório de Línguas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

² Estimativa por analogia com outras situações em outros ambientes e por isso sujeita a reavaliações com base em outras evidências lingüísticas e não lingüísticas (p. ex., arqueológicas).

³ O asterisco (*) diante de uma forma lingüística indica que esta é uma reconstrução baseada na comparação das formas das línguas documentadas. Em vez dos símbolos do Alfabeto Fonético Internacional foi usada neste artigo uma transcrição simplificada, que pode ser lida com as seguintes particularidades: *y* representa a vogal alta central não arredondada (um *i* pronunciado com a língua recuada), *â* é a vogal central média (como o primeiro *a* da palavra portuguesa *cana*), *b* nas línguas exemplificadas é fricativo (como o *b* do Espanhol *abogado*), *ng* é a consoante nasal velar (pronunciada como os *ng* do Inglês *singing*), o apóstrofo ' é a consoante oclusiva glotal (como o *h* no Português *ahá!* ou *hahá!*), *ñ* consoante nasal palatal (como o *nh* do Português), *w* consoante aproximante labial (como o *u* do Português *Mauá*).

Referências bibliográficas

GUIDON, N. *Arqueologia da região do Parque Nacional Serra da Capivara. In: Antes – histórias da pré-história: catálogo.*

- Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004, p. 122-141.
- MARCGRAVE, G. *Historia naturalis Brasiliae*. Lugduni Batavorum: Elsevirius, 1648.
- _____. *História natural do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1942.
- MEIRA, S.; FRANCHETTO, Bruna. The Southern Cariban languages and the Cariban family. *International Journal of American Linguistics*, v. 71, n. 2, p. 127-192, 2002.
- RICK, F. M. et al. A saga dos piolhos na América do Sul. *Ciência Hoje*, v. 31, n. 185, p. 34-40. ago., 2002.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A classificação do tronco lingüístico Tupi. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v.12, n. 1/2, p. 99-104, jun./dez., 1964.
- _____. Die klassifikation des Tupi-sprachstammes. In: *Proceedings of Thirty-Second International Congrtess of Americanists*. Copenague: Munskgaard, 1958, p. 679-684.
- _____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4^a. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

